

# Acre: novas narrativas e perspectivas

Jirlany Marreiro Costa Bezerra<sup>i</sup>

## RESENHA

SILVA, Francisco Bento da. *Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências*. Rio Branco: Nepan Editora, 2020. 157p.

É indubitável que no curso da história brasileira o foco das discussões políticas e culturais restringia-se às regiões limítrofes das grandes capitais do país, não sendo devidamente apreciadas e respeitadas as demandas relativas às questões que cercavam a geografia, a organização e a cultura das regiões do Norte.

Entende-se que a Amazônia e suas terras habitadas são descritas em relatos históricos de maneira míope, ilusória, com uma errônea narrativa sustentada pela cultura romântica e sectária europeia, de maneira que houve a estruturação de uma noção genérica compartilhada até a contemporaneidade. Dados da ocupação europeia e dos fascínios dos navegadores pelo novo mundo, tais preceitos são também sustidos por uma nova oportunidade de gerar renda às metrópoles com a exploração de recursos até então nunca vistos, visando às muitas oportunidades que as novas terras produziram para a Europa e seus conquistadores.

É exatamente sobre essa matéria que o professor e pesquisador Francisco Bento da Silva discorre em seu texto, fruto do pós-doutoramento em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em que se propõe a dissecar a questão acreana, a sua forma subjugada pelo preconceito com o até então desconhecido e cândido mundo amazônico acreano, em dualidade com a ótica capitalista acerca de uma nova fonte de extração de recursos para suprir as grandes economias. O debate sobre a problemática do comércio da seringa, o processo de civilidade compulsória da região e a exposição de registros que confirmam uma institucionalização de um conto caricato acreano é o foco de discussão da obra *Acre, Formas de Olhar e Narrar: Natureza e História nas Ausências*

---

<sup>i</sup> Mestra em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade pela mesma universidade.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1247-4444> | jirlanymarreiro@gmail.com

(2020). O livro é composto por um prólogo, “O Acre como caricatura”, e quatro capítulos: “Capítulo 1: O Acre como deserto conquistado: amansar e civilizar como missão”; “Capítulo 2: Bichos, florestas e doenças: o outro mundo selvagem”; “Capítulo 3: Indígenas e caboclos no caminho da conquista e da colonização”, e “Capítulo 4: As disputas pelo Acre; narrativas do risível e do heróico”, e, por fim, um epílogo.

A obra é introduzida com a anatomização de uma metáfora, continuamente repetida como o lampejo de um vagalume. Tratando-se do fato de o lampejo significar a recorrente exposição de pontos de vista e narrativas que se alteram em trajeto, gênero e grau, o autor defronta analogamente a questão acreana, que é relatada com múltiplas facetas, a depender de momentos históricos e nacionalidade tipificada. Sequencialmente exposta por representações, também há a constante estetização do que de fato compreende-se enquanto Amazônia, com a romantização europeia impregnada na ótica dos diversos pesquisadores e estadistas que se dispuseram a descrever o que seria o Acre, muitas vezes tratando-o de forma bestial e mitológica – um lugar estranho, inercial, intocado, de complexa sobrevivência e sempre associado a algo penoso, o que pode ser facilmente explicado pela ausência de tecnologia apropriada no final do século XIX para a realização dessas expedições.

O Acre enquanto duradoura metáfora pereceu na irrelevância, apagando-se como um lampejo de um vagalume e deixado ao relento por um considerável lapso temporal. No capítulo primeiro, há a introdução do que seria o olhar estetizado, fetichizado, acerca da Amazônia e do Acre. Fez-se necessário um amplo estudo acerca da natureza desses narradores, tratando-se de típicos europeus, com o arrogo característico de uma cultura acostumada às sociedades polidas com seus ditames sociais, etiquetas, costumes, arquitetura e religião.

Ao adentrar em território alheio às suas observações comuns, seres estranhos aos pomposos colonizadores e uma natureza não domesticada, roga-se em todo aquele ecossistema os piores estigmas possíveis: “incivilizados”, “abandonados” e vários outros adjetivos depreciativos são empregados para descrever o quão excêntrica se tratava a matéria em análise por parte dos colonos.

Ademais, o curso da narrativa dos dominadores é alterado com a visualização de ampla prosperidade no território, em especial pela extração do látex – matéria prima de importância sem precedentes no início do século XX –, uma dualidade entre o inepto e o

útil, e logo a região é ocupada por sujeitos interessados em produzir renda. Tratam-se dos sertanejos, vindos majoritariamente do Ceará, que se avolumaram no Acre em busca de novas oportunidades de trabalho, imediatamente deparando-se com uma dura realidade ao lidar com as condições impostas pelos seringalistas.

No segundo capítulo, há a preocupação do autor em explorar com mais densidade as atividades da extração do látex e as estruturas de trabalho precárias por parte dos seringueiros. Em condições próximas à escravidão, é exposta a remuneração humilhante obtida pelos seringueiros com os seus serviços, cujo sustento tornava-se degradante e insuficiente na maior parte das vezes.

Outro ponto destacado nesse capítulo eram os altos preços dos alimentos, cujos valores eram propositalmente superfaturados, como forma de aumentar o lucro dos proprietários da terra em relação ao custo final. Vendiam-se aos trabalhadores o que havia de pior entre carnes e grãos. Tal fato ocorria em concomitância com as péssimas condições de habitação, ocasionando surtos de doenças, como o beribéri e o escorbuto, que acometiam grande parcela dos seringueiros.

Outrossim, a mídia nacional, ao receber os relatos dos estadistas e pesquisadores que observavam as condições de abandono, desleixo, falta de higiene e organização, produziu duras críticas em formatos diversos, como charges e matérias. Essas críticas paulatinamente institucionalizaram um conceito de Acre endêmico, abominável, que acabou por se tornar um pensamento rotineiro e cômico na opinião popular.

O desejo de visualizar um território anteriormente tido como “primitivo” como uma terra habitável e adequada aos padrões das grandes capitais foi outro ponto de partida para a entrada de uma elite na região, obviamente enviada pelos ditos civilizados do Sudeste, com o objetivo de colonizar o deserto, ensinar a religião católica e seus costumes aos habitantes locais. O estabelecimento dessa força dominadora foi paralelo à imensa desigualdade que germinava entre as classes, como explicita o autor de maneira cirúrgica ao comparar as exorbitantes diferenças entre os salários dos seringueiros com o dos estadistas.

Uma questão também exposta na obra como outra forma de narrar o Acre, como intenciona o autor, é o paralelo racial estabelecido, entre os séculos XIX e XX, entre os indígenas e os sertanejos. O terceiro capítulo imerge na configuração feita pelos “civilizados” dos nativos como uma raça de definitiva inutilidade. A romantização do

indígena enquanto um privilegiado, nascido às luzes de uma vasta floresta, sem preocupações, ambições e maldades foi o infundado fator determinado pelo homem branco e dominador a alcunha de “inútil” em referência ao nativo.

Ao ocupar a região da Amazônia, o colono depara-se com comunidades de milhares de membros indígenas, de culturas alheias totalmente estabelecidas, divergentes de seus objetivos. Nesse âmbito, como forma de tornar o indígena alguém respeitavelmente produtivo, são importadas equipes de catequizadores, com o propósito de sanar os comportamentos considerados diabólicos dessas populações, ensinar-lhes desde o que integra a atividade de se vestir “adequadamente” até a sua própria religião, os costumes e tudo o que se pretendia como válido entre os europeus, para, então, apagar-se as identidades dos indígenas, assim como a sua cultura. Esses movimentos tornaram-se metas entre os colonizadores.

O indígena era categoricamente considerado inferior, talvez como uma forma de suprir o ego europeu com uma massa de pessoas que demonstrasse a suposta superioridade de suas façanhas e cultura, ou pelo objetivo capitalista de obter com eles o alto lucro. Assim, estabeleceu-se o cenário racial tanto na vasta Amazônia como no Acre, contextualizando-se ao panorama dos seringueiros e de uma identidade intermediária configurada como “caboclos” – descendentes do branco e do indígena, o quase civilizado, que quase pode alcançar a cultura europeia, mas se retém pela sua origem miscigenada. Tratam-se de designações geográficas e culturais com predominância de argumentos xenófobos que denotam um caráter negativo à geografia, atrelando-o à identidade do nativo.

No último capítulo, o autor preliminarmente apresenta uma série de documentos visuais – em sua maioria, charges – como forma de tipificar os conceitos já enraizados sobre o Acre do começo do século XX, com o racismo e a xenofobia em voga, além do evidente sexismo, que hoje constituiria algo equivalente ao movimento politicamente incorreto, que tece opiniões repletas de preconceito, protegidas pelo discurso da liberdade de expressão.

Essa forma já estabelecida de narrar o Acre é ironicamente uma maneira de estruturar a mesma questão quando a matéria da discussão trata de conflitos internacionais, fundamentando-se na miragem heroica do Brasil conquistador e vencedor contra os estereotipados bolivianos e peruanos pela propriedade do território do Acre.

As narrativas já contadas de um Acre como um território esquecido, desértico, abandonado, selvagem, caboclo e indígena, permeiam e se estendem no imaginário coletivo, que por tempos foi descrito como algo necessitado de correção. O espaço também é narrado como uma conquista magnânima do Estado e do patriotismo brasileiros. Dessa forma, conclui-se a intenção da obra de Francisco Bento da Silva de analisar os diferentes recortes, os múltiplos lampejos de luz, como na metáfora do vagalume, as diversas narrativas e estruturas que complementam até a contemporaneidade a natureza, geografia e cultura da região.

### **Referências**

DA SILVA, Francisco Bento. *Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências*. Rio Branco: Nepan Editora, 2020. 157 p.

Recebido em: 21/01/2022

Aceito em: 03/02/2022